## Introdução

Olá, ouvintes.

Bem-vindos ao primeiro episódio do “Ascensão e Queda”, o podcast que recupera e analisa a cobertura da imprensa no dia da ascensão e no dia da queda dos líderes políticos que marcaram a história recente da humanidade.

Chamo-me Guilherme Oliveira e faço este podcast com o meu bom amigo Mehmet Kutluay, o locutor da versão inglesa intitulada “Rise and Fall”.

Para começar este podcast, vamos analisar a cobertura do New York Times no dia da ascensão e no dia da queda de Muammar Qaddafi, o líder da Líbia por mais de quatro décadas.

Muammar Qaddafi foi uma figura controversa que agitou o mundo Árabe, o mundo Ocidental e África em diferentes fases da sua vida.

Esta flexibilidade manifesta-se no seu currículo:

1. Chegou ao poder num golpe de estado sem sangue;
2. Transformou a Líbia de uma monarquia teocrática medieval para um país com bolsas de desenvolvimento significativo;
3. Apoiou organizações terroristas que desencadearam actos contra Israel nos Jogos Olímpicos de Munique e o atentado de Lockerbee;
4. Entrou numa guerra com o Chade que viu emergir jipes Toyota no campo de batalha;
5. Perseguiu qualquer dissidência interna, incluindo o massacre de prisioneiros numa revolta;
6. Cooperou com os EUA na guerra contra o terrorismo após o 11 de Setembro;
7. Alegadamente, financiou universidades e políticos europeus;
8. Reagiu violenta e sangrentamente à chegada da Primavera Árabe ao seu país.

Para muitos, Qaddafi era um líder vaidoso que tudo fazia para chamar atenção e para colocar a Líbia ao nível mediático das superpotências mundiais.

Para outros, era um bravo lutador contra o domínio ocidental e contra a criação do Estado de Israel.

Ou seja, é difícil encontrar uma personagem mais apaixonante para começar este podcast.

## Porquê o New York Times?

A escolha do New York Times prende-se com razões técnicas.

1. Primeiro, o outro autor do podcast não fala português.
2. Segundo, parte da análise aos artigos é feita com software que está optimizado para textos em inglês.
3. Terceiro, o New York Times tem todos os seus artigos disponíveis, em formato PDF, no seu sítio de internet a um preço muito acessível.
4. Por último, o New York Times é uma publicação de referência num país que, durante a vida de Qaddafi, foi sempre uma democracia sem qualquer tipo de censura estatal.

É certo que a cobertura pode nem sempre ter sido a mais isenta, dada a animosidade entre os EUA e Qaddafi na esmagadora maioria do mandato de Qaddafi, e dada a possível busca por algum tipo de sensacionalismo que melhore as receitas do jornal.

Todavia, a natureza e a evolução da cobertura são precisamente os objectos de estudo deste podcast.

Não se procura aqui encontrar um julgamento justo de Qaddafi: antes, procura-se as características da cobertura no dia em que chegou ao poder, 1 de Setembro de 1969, e a certidão de óbito no dia da sua morte, 20 de Outubro de 2011.

O Mehmet e eu decidimos dividir a análise em três partes.

1. Na primeira parte, analisamos e comparamos os artigos quanto a aspectos técnicos da notícia, como o número de palavras, o tom da notícia ou o uso de discurso directo e indirecto.
2. A segunda parte prende-se com a cobertura de temas políticos e económicos em cada uma das notícias.
3. A derradeira parte é uma colecção de curiosidades que não se encaixam perfeitamente nas duas primeiras secções.

Uma coisa é certa: decidimos não oferecer um veredicto sobre a qualidade das notícias ou sobre uma possível melhoria ou degradação da cobertura jornalística.

Pensamos que qualquer julgamento é demasiado subjectivo.

Portanto, nada como deixar esse tipo de discussão para a secção de comentários.

Também sintam-se à vontade de nos contactar via e-mail. Faremos tudo para melhorar os próximos episódios e aceitamos, também, sugestões para líderes políticos a analisar.

## Parte I – Análise Técnica

Comecemos então por analisar os aspectos técnicos da notícia.

O primeiro artigo do New York Times sobre o golpe de estado a 1 de Setembro de 1969, que levou Qaddafi ao poder, só saiu na edição de 2 de Setembro de 1969.

Muito provavelmente, esse hiato explica-se pelas peculiaridades do mundo antes da internet.

O segundo artigo foi publicado no mesmo dia em que Qaddafi morreu às mãos de uma turba, 20 de Outubro de 2011.

A notícia de 1969 não inclui o nome dos autores, ao passo que a notícia de 2011 tem o nome dos três autores.

Provavelmente, trata-se de outra diferença causada pelo advento da internet. Por exemplo, há mais espaço para incluir mais informação.

Este último facto também pode ser a razão para que o artigo de 2011 tenha 1474 palavras e o artigo de 1969 881 palavras.

Note-se que estes números não incluem títulos e subtítulos.

O tom também muda de uma notícia para a outra.

À primeira vista, algumas passagens da notícia de 1969 são um tanto ou pouco condescendentes.

Por exemplo, o artigo afirma (a tradução é minha): “Observadores acreditam que os novos líderes poderão ter dificuldade em encontrar maneira de acusar a monarquia. O Rei Idris e os outros membros da família real têm vivido de modo relativamente modesto e são conhecidos por ter evitado corrupção.”

Ou seja, o artigo faz um julgamento baseado em comentários genéricos de fontes anónimas. Em contraste, o artigo de 2011 documenta melhor as suas fontes.

Os dois artigos repetem muita informação, dando alguns detalhes ou uma perspectiva diferente a cada iteração. Todavia, os temas mudam drasticamente de um artigo para outro: o artigo de 1969 repete-se relativamente a temas geopolíticos; o artigo de 2011 foca-se em temas um pouco mais emotivos:

1. As últimas palavras de Qaddafi são discutidas pelo menos 2 vezes.
2. Duas referências sem informação adicional ao futuro de Assad na Síria;
3. Repetidas referências a testemunhos e opiniões sobre a possível causa de morte, incluindo a opinião baseada em vídeos e fotografias de um médico radicado em Nova Iorque;
4. Constantes alusões à indumentária de Qaddafi no momento da morte;
5. Constantes alusões aos buracos das balas no corpo do antigo líder.

Também nos socorremos da estatística para analisar o tom das notícias de uma maneira tão quantitativa quanto o possível.

No geral, esperamos que as notícias tenham um tom significativamente diferente: é difícil dar um tom emocional a uma análise geopolítica como aquela no artigo de 1969; o artigo de 2011 essencialmente debruça-se sobre a morte de um líder político com muitas citações e transcrições literais de testemunhos.

A nossa análise estatística começa com um teste à impressão de que o artigo de 1969 parece discutir mais a geopolítica do mundo árabe do que o artigo de 2011.

De facto, cerca de 49% das palavras em 1969 foram para uma descrição de factos básicos da geopolítica regional, ao passo que somente 20% das palavras do artigo de 2011 se dedicam a esse tópico.

Também à primeira vista, o artigo de 2011 parece usar muito mais discurso directo e indirecto do que o artigo de 1969.

De facto, o artigo de 1969 não contém sequer discurso directo, e o discurso indirecto consome cerca de 20% das palavras do artigo; em 2011, os discursos directo e indirecto reclamam mais de 50% das palavras.

Por fim, utilizámos o pacote NLTK do software Python para classificarmos o tom das frases de cada notícia.

No artigo de 1969, 88.3% das frases são consideradas neutras, 8% positivas e as frases restantes negativas.

Em comparação, no artigo de 2011, 80% das frases são consideradas neutras, sendo que a queda de 8 pontos percentuais favorece quase somente as frases de tom negativo.

Ou seja, no global, os dois textos são neutros, com um ligeiro aumento da carga negativa de 1969 para 2011.

Esta mudança pode ser possivelmente explicada pela fama e o magnetismo de Qaddafi, que colocou a Líbia no mapa geopolítico mundial e que tanto ódio gerou nos EUA.

Ao passo que em 1969, a Líbia era mais um estado no cruzamento do Médio Oriente e de África, em 2011 era o país de Qaddafi, um opositor ao Ocidente e apoiante de acções terroristas.

O facto de o golpe de 1969 ter sido absolutamente pacífico ao mesmo tempo que a queda de Qaddafi degenerou numa guerra civil é outra causa potencial para explicar as diferenças no tom.

Também como foi referido anteriormente, a internet baixou o custo da palavra e acelerou o mundo:

1. Um jornalista em 1969 tinha pelo menos um dia ou dois para escrever um artigo compacto, numa época que a verificação de muitos factos requeria uma ida à biblioteca;
2. Em 2011, o jornalista tem de competir para ser o primeiro a cobrir todos os eventos, com muito conteúdo disponível online e com muito conteúdo produzido por uma miríade de actores.

Finalmente, as diferenças podem ser um reflexo de mudanças mais profundas na sociedade, como atitudes relativamente a regimes autoritários e ao uso de violência.

Uma vez mais, este podcast deseja pôr as cartas na mesa mais do que chegar a um veredicto: por isso, renovamos o convite a um debate na caixa de comentários.

## Parte II – economia e política.

Agora passamos à segunda parte do episódio: a abordagem a assuntos políticos e económicos.

A notícia de 1969 menciona explicitamente os interesses ocidentais na Líbia aquando da revolução.

Por exemplo, a notícia sublinha que o primeiro comunicado, efectuado por rádio, da junta militar não se referiu à base americana na Líbia. A notícia termina também com uma referência à importância do petróleo líbio no fornecimento da Europa.

Quando vamos para a notícia de 2011, os interesses ocidentais mal são mencionados:

1. Há uma rápida referência e citação à intervenção do presidente Obama sobre o falecimento de Qaddafi;
2. O papel das forças militares da NATO na queda do regime de Qaddafi é brevemente referido.

Outra diferença entre os dois artigos: o artigo de 1969 fala de petróleo por diversas vezes; o artigo de 2011 só menciona a palavra quando se refere à visita do ministro líbio do petróleo e das finanças para ver o cadáver de Qaddafi.

Eu e o Mehmet especulamos que esta redução no protagonismo do petróleo de um episódio para outro pode ter sido provocada por factores muito diversos, desde da revolução do *shale* gás nos EUA - que reduziu a importância do fornecimento externo - até à queda da reputação do sector petrolífero como fonte de riqueza no contexto da ascensão do ambientalismo e dos desastres geopolíticos americanos nos últimos 20 anos.

O artigo de 2011 está pejado de vocabulário da era da internet como “viral” ou “twittoesfera”.

Em contrapartida, a terminologia da Guerra Fria grassa no artigo de 1969: Baathismo; Nacionalismo Árabe; regimes de esquerda em oposição a monarquias conservadoras; entre outros.

Ou seja, o artigo de 1969 parece muito preocupado em definir o posicionamento ideológico dos intervenientes: uns são nacionalistas de esquerda anti-Israel; outros são conservadores ou monárquicos.

O artigo de 2011 parece limitar-se em dividir o mundo entre os ditadores e as massas pro-democráticas da Primavera Árabe.

Os dois artigos partilham um forte antagonismo ao regime de Qaddafi.

O artigo de 1969 defende abertamente a monarquia deposta e insere o golpe de estado como mais um na série de golpes do nacionalismo Árabe de esquerda contra os regimes conservadores da época, como a Arábia Saudita ou a Tunísia.

O artigo de 2011 partilha intervenções e mensagens de alívio e regozijo sobre a queda de Qaddafi.

Outra semelhança entre as duas notícias relaciona-se com o facto de a Líbia nunca aparecer como protagonista nos eventos: em 1969, acabou por ser levada numa onda de golpes de estado com origem no Egipto de Nasser; em 2011, foi mais uma peça no dominó da Primavera Árabe da vizinha Tunísia.

Para terminar esta parte, é de notar que o artigo de 2011 também cita, por meio de dois testemunhos, o desapontamento de alguns actores sobre a ausência de um julgamento a Qaddafi.

## Parte III - Curiosidades

Finalmente, passamos à última secção: curiosidades.

Enquanto o artigo de 1969 cobre um golpe de estado sem derramamento de sangue, o artigo de 2011 descreve mais um episódio de uma guerra civil.

Não deixa de ser curioso que Qaddafi tenha começado de uma maneira tão pacífica e acabado em tanto caos. Alguns falarão de uma tentativa de apagar o seu legado; outros deslumbrarão a colheita do ódio com que esmagou toda e qualquer oposição interna.

Eu e o Mehmet fomos cruéis e deixámos a observação mais interessante sobre o artigo de 1969 para o fim: nunca menciona o nome de Qaddafi.

Apesar das fontes históricas afirmarem que Qaddafi foi o líder do golpe de estado, o artigo menciona apenas um desconhecido Coronel Saaduddin Abu Shwirrib.

Aliás, o primeiro artigo do New York Times que menciona Qaddafi como o líder da Líbia só aparece no dia 10 de Novembro de 1969, uma notícia que descreve brevemente um comício onde Qaddafi ameaça com a expulsão das Forças Armadas Norte-Americanas da base área de Wheelus antes do tratado de concessão expirar.

Ou seja, é irónico que os jornalistas em 1969 não tenham identificado o verdadeiro líder do golpe.

## Final

Chegámos ao fim deste episódio.

Muito obrigado por o terem seguido.

Por favor, partilhem os vossos pontos de vista, sugestões para futuros episódios e tudo o mais que vos vier à cabeça.

Só pedimos que o façam com educação e decoro.

Até ao próximo episódio!